

Profª Cristiane Santos de Melo

Centro de Educação Infantil Dr. Djalma Ramos - Lauro de Freitas/BA

Título

Meu cabelo, minha raiz!

Resumo

As crianças pequenas elaboram seus referenciais a partir de construções sociais que vivenciam nos espaços formativos do seu cotidiano. Inúmeras vezes, a construção identitária da criança entra em contradição, pois o modelo propagado e viabilizado pela mídia a diferencia da sua realidade e de seus traços físicos, estéticos e culturais. Dialogando e refletindo com a comunidade escolar do Centro Municipal de Educação Infantil Dr. Djalma Ramos, chegamos ao consenso de se construir um projeto que respeitasse a diversidade e o direito de ser e existir de nossas crianças pequenas à luz de Macedo (2013), Gomes (2002), dentre outros. Diante desse cenário, nasce o projeto: Meu cabelo, minha raiz, cujo objetivo foi fomentar a construção identitária de nossas crianças, as quais, cotidianamente, desvendam o mundo e fazem diferentes escolhas que aludem ao jeito de ser e estar nas relações. Assim, no presente projeto, buscamos apresentar a história da África, do cabelo crespo e do corpo negro, por meio de diferentes atividades de pintar o corpo, relaxar com água, modelar com argila, dançar, cozinhar e de se embelezar, para que as crianças pequenas tivessem a oportunidade de representar e se expressar através de diferentes papéis as variadas linguagens que compõem a formação do sujeito. Os resultados indicaram que pensar e executar uma proposta pedagógica que contemple a diversidade em nossa sociedade nos auxiliam na valorização do sujeito, sobretudo aqueles em formação, como é o caso das nossas crianças pequenas de 3 a 4 anos, que estão na primeira infância, pois elas têm a oportunidade de resgatar e valorizar sua cultura, respeitando e construindo suas marcas identitárias.

Planejamento

No início do ano, em nosso Centro Municipal de Educação Infantil Dr. Djalma Ramos, participamos do Sarau do Djalminha, evento em que apresentamos diferentes tipologias textuais, o qual movimentou todo o CMEI. Para o G3, pensamos na música: Menina pretinha, de Mc Soffia, visto que ela é uma menina negra que tem representatividade e suas músicas discorrem sobre os dilemas da criança negra em seu dia a dia. Ao apresentarmos a música para nossas crianças, paulatinamente fomos apreciando e aos poucos fomos nos apropriando da letra para a declamação. Por meio do nosso estudo, observamos que muitas crianças do G3 demonstravam não gostar do seu cabelo e nem da sua cor da pele, ambos símbolos de nossa identidade, pois como os referenciais de nossos pequenos são personagens brancos, nossas crianças pequenas não conseguiam se assemelhar fisicamente com os personagens propagados pela mídia, uma vez que eram os únicos personagens apresentados para elas.

Nesse cenário, o presente projeto nasce de angústias apresentadas por crianças pequenas, que diversas vezes não são ouvidas e nem levadas em consideração. Por isso compactuamos com Macedo (2013), pois ele afirma que muitas vezes o currículo das crianças pequenas é pensado para elas e não com elas. O autor afirma, ainda, que precisamos levar em consideração o que e como os pequenos pensam, porque eles são sujeitos pensantes e atuantes; Macedo (2013) as nomeia de crianças curriculantes, pois verdadeiramente podem ser atuantes na escolha do currículo da escola, e é justamente o que buscamos em nosso trabalho. Diante do exposto, pensamos no presente projeto como uma forma de apresentar de forma lúdica e na linguagem dos pequenos um pouco da história da África, para que as crianças se reconheçam na cultura africana que deu origem à nossa ancestralidade, perpassando o cabelo crespo e o corpo negro, ambos símbolos de resistência e de nossa identidade.

Nesse panorama, acreditamos que a identidade de nossas crianças é construída por meio do corpo e do cabelo de nossos pequenos. Essa construção se dá nas relações cotidianas, principalmente em casa e na escola. Conforme podemos evidenciar em Gomes (2002), é na escola que as pessoas contam suas experiências negativas com o seu corpo negro e seu cabelo crespo. Histórias essas que não são esquecidas e muitas vezes trazem marcas negativas de que ser negro é ruim e não é bem aceito. Com o presente projeto, buscamos reescrever a história de diferentes meninas e meninos negros para que na formação de sua construção identitária, por meio do corpo e do cabelo, possamos construir uma autoestima elevada de que ser negro é bom e é valoroso.

A partir dessa compreensão, começamos a pesquisar a história da África, pois pensamos que precisávamos contar um pouco da história e as suas influências em nosso país até chegarmos ao cabelo, claro que na linguagem dos pequenos. Idealizamos diferentes atividades para que as crianças experienciassem em seus corpos nossa história, por esse viés elas compreenderiam melhor o alicerce de sua identidade, o qual se faz preponderante para consolidação de sua autoestima, conforme podemos evidenciar abaixo em nossos objetivos.

Objetivo geral: Fomentar a construção identitária de nossas crianças pequenas.

Objetivos específicos: apresentar a história da África e experimentar as pinturas corporais africanas; manipular a argila e conhecer seus usos pelos nossos ancestrais; explorar as possibilidades de uso das folhas medicinais e experimentar um banho relaxante; apreciar e degustar um alimento africano; contemplar uma literatura infantil junto com seus familiares; propiciar momentos de embelezamento/empoderamento com seus pares; valorizar a importância de gostar de seu cabelo; contemplar diferentes personalidades e suas histórias com o cabelo; propiciar momentos de brincadeiras de embelezamento com os pais e seus filhos; aprender a importância de cuidar os cabelos com outras crianças; conhecer a história e a importância da cultura afro-brasileira por meio de visita ao museu; construir e apresentar os passos para a culminância do projeto.

Conteúdos: O respeito a si mesmo e ao outro, a valorização da autoestima, o conhecimento/propagação da cultura afro-brasileira, a expressividade corporal, valorização da identidade.

Planejamos algumas etapas de trabalho antes de iniciar o projeto. A primeira etapa foi a reunião com os pais, cujo o objetivo foi apresentar a nossa proposta inicial do projeto. No dia da reunião, a maioria dos pais compareceram, explicamos a proposta e eles demonstraram entusiasmo pelo nosso fazer pedagógico, conforme podemos evidenciar na fala da mãe de Luiza, quando ela relatou que desde pequeno Isaque participou das atividades do Djalma e Luiza faria os mesmos passos do irmão. Além disso, solicitamos aos pais que, se pudessem, nos ajudassem com alguns materiais para o projeto, pois sendo nossos recursos escassos, buscamos diferentes formas para conseguí-los, por meio de bazar, rifas e doações. Ao longo das atividades, conseguimos alguns materiais, mas quanto a outros, precisamos fazer diferentes adequações, pois nem sempre conseguimos o que idealizamos.

Outra etapa importante foi quando realizamos uma atividade com os auxiliares e os colegas que trabalham fora da sala, pois acreditamos que um projeto não se faz sozinho com o educador, a escola inteira precisa respirar e emanar a essência do que estamos estudando, além de nossos pares se sentirem atuantes e necessários em nosso projeto. Nesse sentido, apresentamos o projeto: "Meu cabelo, minha raiz!" e escutamos a contribuição de cada um, como também, ao longo do projeto, convidamos alguns colegas do Djalma para abrilhantar nossas atividades.

O nosso projeto começou em junho e se findou em novembro de 2017, com a nossa apresentação final, ou seja, a culminância. Inicialmente planejamos doze atividades para a realização do projeto, porém uma das atividades não ocorreu. Durante o relato, contaremos em detalhes como isso de fato aconteceu.

Diagnóstico

O Centro de Educação Infantil Dr. Djalma Ramos foi inaugurado em março de 1994. O nome foi escolhido em homenagem ao grande médico obstetra baiano - Dr. Djalma Ramos. Mais tarde, todas as creches, então mantidas pelo Governo do Estado da Bahia, receberam a denominação de Centro Municipal de Educação Infantil e, assim, essa instituição passou a ser chamada de C.M.E.I. Dr. Djalma Ramos, localizada no bairro de Vida Nova, no município de Lauro de Freitas/Bahia.

O Bairro de Vida Nova foi construído por pessoas oriundas de Salvador. Ele surgiu pela necessidade de abrigar as famílias que perderam tudo em uma enchente. Além desse fato, várias famílias que saíram de outros municípios da Bahia se instalaram aqui, evidenciando uma grande pluralidade cultural. Como também nós, do Djalma Ramos, estamos próximos de uma comunidade Quilombola e de uma aldeia indígena Thá-fene. O Djalma Ramos possui em média 165 (cento e sessenta e cinco) crianças matriculadas, com atendimento de creche para crianças de 6 (seis) meses até 3 (três) anos e de Pré-escola para crianças dos 4 (quatro) anos a 5 (seis) anos, ambos em horário integral.

Nossas crianças são oriundas de famílias cujos membros possuem baixa escolaridade, com pouca capacitação profissional, com predomínio de pais ausentes e mulheres (avó ou mãe) assumindo a chefia da família. As mães, predominantemente, exercem atividades temporárias ou eventuais, tais como: faxina, lavagem de roupas, venda de produtos de beleza, manicure e se denominam biscateiras. Uma parcela das mães que trabalham exerce suas atividades na fábrica de brinquedos, que mantém uma parceria com o Djalma Ramos, já outras mães realizam atividades na função de empregadas domésticas e poucas têm a relação de emprego formalizada com carteira assinada. Outras participam do mercado informal de trabalho como vendedoras ambulantes. Já os pais, em sua maioria, são trabalhadores com pouca escolaridade e qualificação profissional, conseqüentemente com dificuldades de competir no mercado de trabalho.

No que tange à questão da renda familiar, verificamos um extremo, a maioria das famílias declaram ter renda de até um salário mínimo e uma pequena parcela declara-se sem renda. São dados característicos dos subempregados, que vivem um processo de pobreza e exclusão social. Num outro extremo, estão as pessoas que declaram possuir renda de até dois salários mínimos, constituindo famílias em que os pais convivem com suas companheiras.

Por meio do contexto citado, podemos afirmar que as crianças vivem sem uma proteção efetiva. As estratégias de sobrevivência, além de precárias, não garantem a integridade física, moral e psíquica do sujeito. É inevitável que esta condição de vida gere conseqüências que repercutem na convivência e dificultam o processo de socialização no CMEI, tais como: reprodução da violência, ausência de afetividade e limites, baixo nível de concentração, baixa autoestima, além de viver sem projetos e perspectivas de vida.

Diante de todo arcabouço esmiuçado, desde 2013, o Centro de Educação Infantil Dr. Djalma Ramos vem dialogando/refletindo com a comunidade escolar sobre a necessidade de se construir/executar um currículo que valorizasse/respeitasse a diversidade e o direito de Ser e de Existir (LUZ, 2013) das nossas crianças. Concordávamos que fortalecer as marcas identitárias das crianças e da própria comunidade era algo imprescindível, saímos de um currículo exoterodeterminante e, partimos para uma proposta pedagógica que valorizasse as itinerâncias formativas que constituem os sujeitos desde o momento em que nascem e se inserem na sociedade. Em 2013 uma colega trabalhou com o projeto: Eu: Um ser afetivo na africanidade, uma ação pedagógica que resultou no envolvimento de todo o CMEI.

Após reflexões em 2014, na nossa jornada pedagógica, iniciamos um trabalho mais efetivo em consonância com a Lei nº 10.639/03, que incluía no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da presença da temática: História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, além de nosso trabalho com personalidades. Nos diversos anos em que trabalhamos com personalidades negras, desde Riachão, Mariene de Castro, As Ganhadeiras de Itapuã e Carolina, as crianças sempre traziam o estranhamento e distanciamento com o cabelo e o corpo negro, seja com os delas e de seus pares, buscando sempre um

cabelo e uma aparência física propagada pela mídia e que constantemente se distancia da criança negra. Diante dessas observações, em 2017 nasceu o projeto: "Meu cabelo, minha raiz! ", projeto esse em que o cabelo e o corpo negro fossem elementos identitários apreciados, reconstruídos e ressignificados por nossas crianças pequenas negras.

Desenvolvimento

O nosso CMEI possui apenas um recurso anual do Ministério da Educação, que não chega a totalizar três mil reais, para comprar tudo que precisamos durante o ano inteiro. Todos os anos nos deparamos com inúmeros problemas, a exemplo da escassez de materiais. Com esse percalço, para concretizarmos tudo o que planejamos, necessitamos angariar recursos por meio de bazar, sorteio de balaios e doações dos professores/funcionários, pais e comunidade, para que nossas atividades saiam do papel. Apesar de todas as dificuldades, ainda assim, com essas ações/ajudas conseguimos realizar diferentes atividades com muita criatividade.

Para que as crianças vivenciassem em seus corpos nossas histórias, realizamos diferentes atividades, as quais tiveram duração de cinco meses, de junho a novembro de 2017, com as crianças do G3. Começamos com a história de Obax, pinturas africanas, ofurô com plantas medicinais, brincadeiras com argila, feitura de receita de acarajé, até introduzirmos histórias que versam sobre o cabelo; fizemos penteados, as crianças realizaram receitas caseiras, fizeram o processo de lavagem e embelezamento de seus cabelos.

Atividade 1: África: onde tudo começou...

Na sala, por meio de vídeo, contação da história: Obax. Ela é uma menina muito criativa que mora nas savanas de África e que usa a sua imaginação para viver muitas aventuras. Um dia conta a todos sobre uma chuva de flores, num lugar onde pouca chuva cai. Ninguém da aldeia acredita nela. O grupo demonstrou atenção e contentamento pela história de Obax. Quando questionamos a parte que mais gostaram, a maioria das crianças interagiram, outras preferiram ficar caladas, questionamos também se as crianças se lembravam das pinturas das roupas e dos corpos mostradas na história de Obax. A partir daí, apresentamos as imagens de diferentes tribos africanas e suas pinturas corporais. Indagamos ao grupo sobre os diferentes tipos de pinturas e como elas poderiam embelezar as pessoas e como também podem ter outros significados e propósitos. Após apreciação, convidamos o G3 para conhecer as tintas naturais que são utilizadas na África: urucum, carvão e argila. As crianças inicialmente ficaram tímidas com a proposta de pintar o colega. Começamos a incentivá-las explicando que poderiam se melar, já que depois tomariam banho. Quando explicamos, as crianças desfrutaram bastante da atividade, fazendo desenhos nos corpos das crianças, sentindo a textura das tintas, experimentando as possibilidades de cores. Durante diversos minutos não ouvimos as vozes das crianças por elas estarem em constante envolvimento. A única criança que tentamos incluir na atividade, mas sentiu nojo, foi Nikolas. Oferecemos a tinta, apresentamos a possibilidade de ele pintar e não ser pintado, mas, ainda assim, ele recusou e preferiu apenas ficar observando. Esperamos que ao longo das atividades Nikolas se sentisse à vontade para participar. Inicialmente Bruna e Clara começaram a pintar uma na outra de forma tímida, com traços finos. Com o passar das misturas e das revelações das cores, Bruna e Clara se empolgaram e demonstraram prazer e felicidade com a atividade. Outro ponto que podemos destacar foi Davi, no primeiro momento ele se sentiu agoniado quando o colega o pintou, quando propomos que ele pintasse a professora ele logo se empolgou e revelou alegria. Aos poucos Davi foi relaxando, a professora começou a pintá-lo e ele aprovou a tinta em seu corpo. As crianças demonstraram bastante entusiasmo quando puderam livremente pintar a professora, algumas crianças pintaram de forma tímida, depois com entusiasmo de outra criança, umas cinco crianças se empolgaram e não queriam parar mais. Depois de mais de meia hora, convidamos o grupo para lanchar e para tomar banho. Nesses momentos, algumas crianças demonstraram alegria e contentamento com a atividade.

"Gostei da parte que pintou o colega" - David Ramos.

"Gostei da história Obax da girafa"- Tiago.

"Eu gostei da chuva de flores" - Gabrielle.

"Eu gostei de pintar Bruna, eu pinte Bruna bonitinha" - Maria Clara.

Atividade 2: Ofurô relaxante.

Recepcionamos as crianças com uma música ambiente instrumental da África, como também preparamos todo um espaço relaxante para o ofurô. As crianças adentraram o espaço, algumas observando e manipulando as folhas como: aroeira, alfazema, kioiô, babatanã. Ismael chegou logo dizendo que a folha fedia, já David disse que a folha tinha cheiro de hortelã. Enquanto algumas crianças ficaram muito interessadas nas folhas, outras apreciaram a água, sentindo com a mão e fazendo brincadeiras com elas. Quando todos adentraram o espaço e sentiram todo o ambiente, conversamos sobre os cheiros que emanavam, bem como o poder das plantas para a cultura africana. No início, algumas crianças permaneceram bastante agitadas e eufóricas com o fato de tomar banho e mergulhar, paulatinamente fomos pedindo para elas sentirem o cheiro das plantas, ao som de músicas relaxantes da África e o balançar da água. Quando as crianças se acalmaram, elas se deliciaram com a energia emanada com a atividade, como vimos na fala de Joaquim: "Que atividade relaxante!" Outro ponto que gostaríamos de destacar foi a postura de Nikolas, inicialmente ele ficou com medo, e mostramos a ele que a água não machucava e ele tinha a oportunidade de tocá-la e entraria no balde se quisesse. Aos poucos ele foi aceitando e nos pediu para entrar na água, com o passar dos minutos ele ficou bastante à vontade e feliz. Outra criança que se sentiu retraída foi Isabelle, fizemos o mesmo movimento e rapidamente ela desfrutou da atividade. Outro momento bastante interessante foi a degustação do chá de erva cidreira e capim limão, explicamos para eles sobre os benefícios do chá e propusemos que as crianças degustassem a bebida, algumas crianças preferiram não experimentar, apenas sentiram o cheiro. Já outras provaram e se sentiram satisfeitas, como também houve algumas que pediram para repetir o chá, já que gostaram bastante da bebida. Outro ponto que podemos citar é que Joaquim gostou tanto da atividade que ele relatou em sua casa para sua mãe: "Mãe, podemos fazer chá e tomar banho de folhas no apartamento novo?" A mãe de Joaquim respondeu com bastante entusiasmo que sim!!!!

Atividade 3: Brincadeiras com argila.

Por meio de imagens, explicamos que muitas artes africanas eram feitas de argila, pois além de baratas, são bastante versáteis, a exemplo de esculturas, máscaras e diferentes potes. Além disso, na África a argila é tão abundante que foi construída uma cidade toda em argila. Nesse momento, as crianças ficaram atentas e observaram as panelas, vasos, máscaras e objetos como animais construídos com esse material. Explicamos também que existem argilas medicinais para tratamentos de doenças de pele e para realçar a beleza. Após conversa, solicitamos que as crianças, de forma espontânea, sentissem o cheiro, a textura e brincassem com a argila de maneira criativa, ao som da música: Raiz de todo bem, de Saulo Fernandes. Quando as crianças manipularam a argila, a proposta era que as crianças brincassem e construíssem o que desejassem. O grupo interagiu bastante, realizou diferentes objetos, os quais faziam e desmanchavam para realizar outro objeto. Construíram diferentes comidinhas como: bolinhos de chuva, bolo de chocolate, pipoca, castelo, copo de chá, anel, panela e acarajé. No início da atividade algumas crianças ficaram preocupadas em não se melar, conversamos com elas que poderiam se melar à vontade, da forma e do jeito de cada uma quisesse. Tanto Dexter quanto Nikolas, ao longo das atividades, tocaram na argila sem se melarem. Dexter percebeu que a argila era um pouco pegajosa e experimentou jogar bolas na parede, já Nikolas preferiu fazer bolos variados. Ao final da atividade, algumas crianças se sentiram tão felizes que resolveram fazer torta na cara, outras preferiram melar seus rostos e braços com argila.

Atividade 4: Cozinhando na África.

Apresentamos Margô às crianças, ela falou seu nome, sua profissão que é ser baiana de acarajé e que morava em Vida Nova. As crianças ficaram atentas à sua apresentação, em seguida Marilene também se apresentou, ela que trabalha na cozinha do CMEI e prepara o alimento de nossos pequenos todos os dias; hoje Marilene saiu da cozinha e veio experimentar a receita juntamente com o G3. Durante a atividade, Margô apresentou os ingredientes para a feitura do acarajé, as crianças puderam sentir o cheiro do feijão, da cebola e do gengibre. Foram também apresentados os complementos para o acarajé, a exemplo do vatapá, da salada e do caruru. Margô nos explicou os ingredientes do vatapá, da salada e do caruru. Marilene complementou que sempre que pode prepara essa comida típica para seus filhos. Quando questionamos as crianças de que era feito o caruru, Jeorge prontamente respondeu que essa comida típica é feita com quiabo. Logo depois, cada criança degustou do acarajé, como também cada criança escolheu o acompanhamento; algumas crianças preferiram todos os acompanhamentos. O grupo 3 se deliciou e se lambuzou com o acarajé trazido por Margô, conforme podemos evidenciar em suas falas.

"Pró, eu quero acarajé com pimenta e salada" – Miguel.

"Pró, eu quero levar pra casa" – Diogo.

"Mari, você faz pra gente mais acarajé?" - Maria Luiza.

Vale ressaltar que, depois dessa atividade, todas as crianças sabiam o nome de Marilene e sempre que a viam, pediam para ela fazer uma comida diferente e também o acarajé. Tanto as crianças quanto a cozinheira construíram um laço mais forte, depois da atividade.

Atividade 5: Viajando pelo mundo da leitura com os pais...

Iniciamos perguntando ao grupo quem gosta de ler histórias. Apresentaremos o livro: "Cabelo bom, é o que?". Solicitamos que cada criança levasse a história para casa, com o intuito de que seus pais lessem juntos com as crianças, registrassem com fotos e algum desenho o que cada criança iria nos relatar. A cada semana uma criança levou o livro e nos contou suas impressões. Como nunca realizamos nenhuma atividade do projeto em que as crianças fizessem em casa, ficamos apreensivas mas torcendo para que tudo desse certo. Na reunião de pais, tivemos o cuidado de apresentar a atividade e diversos pais se comprometeram com a atividade. Durante as semanas, muitas crianças nos questionavam sobre quando iam levar sua sacola com o livro, como também tivemos o depoimento do pai de Tiago. O pai de Tiago relatou o quanto foi difícil para seu filho ter cabelo crespo e grande. Em contato com os primos, Tiago se sentiu diferente e externalizou que gostaria de ter o cabelo liso. O pai, que é um skatista, revelou que o projeto era muito importante para as crianças, assim como essa história: "Cabelo bom, é o que?", para que se aceitassem. Outra coisa que tem ajudado também é que o pai tem levado Tiago para os movimentos hip hop e isso fez com que ele se sentisse bem com seu cabelo.

Atividade 6: Meu cabelo, meu mundo! Iniciamos a atividade contando a história: "O mundo no black power de Tayó". Tayó é uma menina negra que tem orgulho do cabelo crespo. As crianças quando começaram a ouvir a história de Tayó, logo se interessaram. Durante a história, perguntamos para elas o que era black power, algumas crianças fantasiaram e outras relataram que era um cabelo grande. Contamos que cabelo black power era um cabelo cheio e que não necessariamente poderia ser grande. Como é o caso da personagem da história e de algumas crianças da sala, a exemplo Maria Clara, Sarah e Adrielle. As outras crianças que não citamos o nome, ficaram perguntando e eu, e eu, durante a euforia. Outro ponto interessante foi quando questionamos as crianças a cor da pele de Tayó, algumas relataram que ela era preta negra. Questionamos quem também era negro igual a Tayó? Algumas crianças não se reconheceram e outras sim. Como é o caso de Miguel, ele respondeu que não era negro. Outro diálogo sobre essa questão aconteceu entre Diogo e Adrielle. Ele afirmou que Adrielle era negra, ela logo afirmou que não era negra, como se fosse algo bastante ruim. Afirmamos que também a professora era negra, mas que ser negro era bom e precisávamos nos orgulhar. Ao terminar a história, cada criança relatou a parte que mais gostou na história, como podemos evidenciar na fala de David quando disse que gostou

das coisas que a mamãe de Tayó colocou em seu cabelo. Depois fomos brincar para adivinhar a textura dos cabelos dos colegas, momento em que todos se empolgaram e quiseram participar ativamente. Durante a atividade algumas crianças acertaram e outras não. Em seguida, solicitamos que cada criança desenhasse seu cabelo ou como gostaria que fosse. Momento bastante desafiador, algumas crianças se recusaram a realizar a atividade, disseram que não sabiam desenhar seus cabelos, mas com o incentivo da professora, essa atitude foi se desestimulada.

Atividade 7: Cabelos que perfumam. Iniciamos a atividade apresentando personalidades que são negras e têm orgulho de sua cor e de seu cabelo. Apresentamos um pouco da história dessas personalidades: Taís Araújo, Carolina, Mc Soffia, Mariene, Lázaro Ramos, dentre outros. As crianças foram interagindo e se identificando com alguns personagens, o que nos deixou bastante felizes. Depois de nossa conversa, fomos realizar o processo de lavagem, convidamos o grupo 5, o que para o G3 foi bastante interessante e empolgante, as crianças estabeleceram uma relação próxima e alegre com crianças de faixas etárias distintas. Questionamos as crianças qual o produto utilizamos para a lavagem dos cabelos, as crianças em coro responderam: xampu! Propusemos que as crianças lavassem os cabelos dos colegas, o que eles ficaram bastante entusiasmados. Começaram a lavar o cabelo um do outro e a farra foi completa, depois do xampu, explicamos que o próximo passo era a hidratação, começaram a manipular o creme e passar em todo seu corpo, assim se deliciando com a textura do creme. Quando concluíram esses passos, todas as crianças colocaram suas toucas para esperar a hidratação agir, enquanto isso o lanche foi servido. Depois do banho, os grupos 3 e 5 enxaguaram os cabelos, brincaram, pularam e não queriam mais sair da atividade. À tarde realizamos o embelezamento, as crianças sentavam na cadeira, escolhiam os acessórios para seus cabelos e se penteavam da forma que eles queriam. Sentíamos que quando as crianças terminavam de se arrumar ficavam felizes, alegres e entusiasmadas. Percebíamos no olhar de cada criança a alegria e o empoderamento de ir para casa com os acessórios que escolheram. Como podemos evidenciar na fala de Adrielle, que disse que gostou de lavar o cabelo; Luan afirmou que gostou de colocar creme no cabelo e Maria Clara desabafou que adorou deixar seus cabelos soltos. Algumas mães nos perguntaram se era para devolver o acessório que as crianças levaram para casa, falamos que cada criança escolheu seu acessório e era presente. Outras mães chegaram, dias depois, dizendo o quanto seu filho ficou feliz em se arrumar na escola.

Atividade 8: Cuidando e brincando com os cabelos. Iniciamos a atividade recebendo os pais e agradecendo a presença de cada um que veio participar da atividade. Os pais assistiram a dois vídeos: no primeiro uma criança falava sobre como foi doloroso seu processo de alisamento e seu dia a dia não podendo soltar o seu cabelo pois todas as vezes que ela pedia para a mãe, ela dizia que não dava para soltar por ser crespo. Alguns pais relataram sobre seus processos de alisamento na infância. E admitiram que também faziam isso com seus filhos. Depois da conversa, perguntei aos pais se eles conheciam a técnica de fitagem. Eles disseram que não, assistiram ao vídeo e explicamos paulatinamente como se faz a técnica no cabelo crespo. Após o vídeo, convidamos os pais para junto com seus filhos realizarem a fitagem. Durante a atividade, as crianças demonstravam encantamento, pois enquanto seus pais estavam penteando seus cabelos, elas estavam se maquiando e interagindo no espelho. A cada momento orientávamos os pais quanto à técnica de fitagem, ajudamos alguns pais cujas crianças tinham mais cabelos. A cada momento, ficávamos bastante felizes com a simbiose entre as crianças e os adultos. Durante a atividade, percebemos a avó de Sarah resmungando bastante, Sarah tem o cabelo com a textura 4C, o que para a família é muito difícil, pois não sabem lidar com essa textura de cabelo. A cada minuto ela expressava que ia alisar os cabelos da neta, que ela fez isso com a filha e ia também fazer com a neta. Que o cabelo da neta era duro. Depois que ela falou tudo o que sentia, conversamos com ela que Sarah tem o cabelo crespo e que aquele era justamente o momento para ela aprender a lidar com o cabelo de sua neta. Pois quando não sabemos algo, achamos difícil mesmo. Depois que ela assistiu aos vídeos, disse que queria mostrar para sua filha - mãe de Sarah. Ao final da técnica, ela disse que o cabelo de Sarah estava lindo. O que para nós foi bastante recompensador! Outro ponto importante foi a presença masculina durante a atividade, pois diversos pais acreditam que essa tarefa é de mulher, mas sabemos que esse paradigma precisa ser dirimido. Os pais

que participaram, adoraram a atividade, interagiram bastante com seus filhos. Depois que as crianças pentearam seus pais, pedimos para que os papéis fossem trocados. Mais uma vez alguns adultos tiveram resistência, pois não queriam que as crianças mexessem em seus cabelos. Com alguns pais fomos conversando e eles foram entendendo a proposta, enquanto outros deixaram que as crianças apenas os maquiassem. Independente das resistências que alguns adultos apresentaram durante a atividade, acreditamos que qualquer preconceito é quebrado de forma paulatina. Ainda na atividade, os adultos que se permitiram divertiram-se bastante, as crianças adoram passar batom, sombra, em seus pais, como também o momento de pentear e colocar creme no cabelo foi bastante emocionante. Se deixássemos, elas ficariam horas nesse momento de laço familiar tão bonito. Esperamos que a cada dia os pais repensem a importância de se aproximarem de seus filhos, como também de empoderá-los, pois o empoderamento mais significativo começa dentro de casa.

Atividade 9: Experimentando hidratação caseira com o G5. Iniciamos contando a história de Chico Juba. O Chico é um menino inventor de xampus que pretende solucionar as incríveis reviravoltas de suas mechas. Essa não é uma tarefa fácil e Chico não poupará nenhuma de suas mirabolantes receitas. As crianças demonstraram atenção e entusiasmo pela história. Ao final da história, as crianças relataram sobre os cabelos de Chico e acerca de suas ideias mirabolantes. Ficaram empolgados com a ideia de realizarem uma receita, assim como o personagem da história. Iniciamos mostrando os ingredientes que íamos utilizar, como também suas propriedades, usamos: ovo, banana e o creme de massagem. As crianças manipularam os ingredientes, fizeram a mistura com a nossa orientação. Logo solicitamos que as crianças pegassem nossa hidratação caseira e aplicassem nos cabelos das colegas e assim foi feito. Questionamos ao grupo se eles hidratam e tratam dos cabelos como estamos fazendo hoje, algumas crianças responderam positivamente. Depois que todas as crianças estavam com os cabelos hidratados, de forma bastante parceira enxaguaram o cabelo dos colegas e sentiram os cabelos hidratados. Durante o enxague se divertiram bastante, brincando, pulando com o G5.

Atividade 10: Meu lenço me empodera! Na sala, apresentamos um vídeo de Carolina ensinando como utilizar um acessório: o lenço. Conversamos com as crianças se elas gostam de usar acessórios na cabeça e as diferentes formas com que podemos utilizá-los. Após conversa, solicitamos que cada criança pintasse seus lenços com carimbos africanos para depois se embelezarem e irem para casa com seus acessórios, tanto as meninas quanto os meninos. Ao final das pinturas, depois de alguns dias, as crianças foram para casa com os lenços produzidos por elas nas cabeças. Quando produzimos as crianças, tiramos fotos com as nossas produções. Tanto as meninas quanto os meninos ficaram muito felizes com a atividade, entretanto a mãe de Miguel nos questionou sobre o uso do lenço em seu filho. Conversamos com ela que os dois gêneros poderiam usar o lenço e que era uma forma de embelezamento e também de resistência. Vale ressaltar que a mãe que nos questionou não participou da reunião de pais, explicamos que poderíamos marcar um horário para explicar nossa proposta, apesar de estar no final do projeto. Depois de nosso diálogo, ela se acalmou e tivemos oportunidade de estreitar os laços com essa mãe.

Atividade 11: Visita ao Museu Afro-brasileiro no Pelourinho. Depois de conhecer e vivenciar a cultura da África que está em nós e reverbera através de nossos corpos e cabelos, planejamos levar as crianças do G3 para conhecer, in loco, um pouco das artes em argila e madeira expostas no museu afro, localizado no Pelourinho, Salvador/BA. Esperávamos que por meio dessa visita as crianças percebessem a importância que cada um tem e como a história é importante para validar nossa raça. Para o planejamento dessa atividade, a professora da turma e a coordenadora estiveram no Museu, conheceram o trabalho, marcaram um horário com a museóloga para que explicássemos o que estávamos desenvolvendo. Feito isso, a coordenadora entrou em contato com a Secretaria de Educação para que acordassem a data da disponibilidade do Museu. Feito todo esse trabalho, a data foi escolhida e estávamos com a confirmação da Secretaria e do Museu. No dia previsto, as crianças chegaram no CMEI preparadas para a atividade, assim como os profissionais da sala e a direção, só que a Prefeitura simplesmente não enviou o ônibus e não nos comunicou. Com o atraso do ônibus, a direção ligou para a Prefeitura e de lá comunicaram que a

empresa estava sem receber por conta da falta de licitação e, por isso, recusando-se a fazer qualquer transporte para a Secretaria. Mesmo depois desse dia, tentamos diferentes parceiros e infelizmente não conseguimos realizar essa atividade.

Atividade 12: Escolha de uma música e construção dos passos. Conversamos com a turma sobre a música escutada anteriormente: Raiz de todo bem, de Saulo Fernandes. Solicitamos que o grupo escutasse a canção mais uma vez, logo construímos coletivamente os movimentos para a apresentação na culminância do projeto.

Avaliação

Aprendizagem

Considerando que historicamente o Brasil foi construído com a influência de várias etnias, sobretudo a Bahia, o berço de nosso país, pensamos no Centro Municipal de Educação Infantil Dr. Djalma Ramos como espaço da diversidade de raças, gêneros e cultura. É sabido por nós que a diversidade é um conceito bastante complexo. Além disso, quando trabalhamos com a história da África e com elementos tão marcantes em nossa sociedade, como o cabelo crespo e o corpo negro, contemplamos a história de nossas comunidades, visto que são constituídas em sua grande maioria por mulheres e homens negros, oriundos de outros municípios que vieram trabalhar na região metropolitana de Salvador em busca de melhores condições socioeconômicas.

Ao trabalharmos com o presente projeto, trabalhamos com a diversidade, com a exaltação à cultura afro-brasileira, além de atendermos à Lei nº 10.639/03, procurando compreender/respeitar a criança, enquanto partícipe de uma sociedade em movimento constante. Além disso, buscamos afirmar sua identidade e a valorizar a sua autoestima, respeitando as diferenças e as suas singularidades, gestando novas formas de relacionar consigo e com os outros.

Nosso desafio através desse projeto foi salientar a importância da história vista por baixo, para além dos espaços em que vivem os nossos educandos; acreditamos que reconhecer-se no outro é uma possibilidade diferenciada de autoafirmação. Haja vista que pensamos não somente em nossas crianças de 3 a 4 anos, mas também em toda a sua família. Diante dos objetivos que traçamos para o nosso projeto, acreditamos que ele foi contemplado, visto que quando ouvimos relatos de crianças pequenas que se percebem bonitas e felizes com seu cabelo crespo solto e valorizam sua cor, isso demonstra que estamos conseguindo sensibilizar nossos educandos sobre a necessidade de se aceitarem, caminhando, assim, para uma construção identitária consolidada e alicerçada com referenciais próximos de nossas crianças negras.

Nossas crianças pequenas, cotidianamente, desvendam o mundo e fazem diferentes escolhas que aludem ao jeito de ser e estar nas relações. Suas escolhas estão atreladas à construção contínua da sua identidade. Pois ao brincar, as crianças têm o potencial de representar qualquer papel no mundo e assumir suas características. Em nosso projeto: Meu cabelo, minha raiz! apresentamos a história da África, do cabelo crespo e do corpo negro por meio de diferentes brincadeiras: "pintar o corpo, relaxar com água, modelar com argila, dançar, cozinhar e se embelezar", para que as crianças pequenas tivessem a oportunidade de representar e se expressar por meio de diferentes papéis as variadas linguagens que compõem a formação do sujeito.

Durante as primeiras atividades do projeto, observamos que algumas crianças resistiram inicialmente em participar. Buscando sempre o diálogo, tentamos acolher essas crianças para as ações do projeto. Em alguns momentos precisávamos ressignificar a atividade para a criança e em outras ocasiões, em seu tempo, ela conseguiu observar/participar do que foi proposto. Essas situações necessitam ser levadas em consideração pelo professor, visto que cada criança é única e singular. Necessitamos criar novas estratégias e até novas possibilidades para que consigamos incluir todas as crianças, ainda mais as crianças pequenas. Por muito tempo padronizamos o ensino e as estratégias. Sabemos que isso não funciona,

sobretudo porque cada sujeito carrega suas memórias, experiências e histórias, esses elementos são fontes cruciais para reconstruirmos nosso fazer e com o projeto isso não é muito diferente.

Uma ação muito significativa do nosso projeto foi "Cozinhando na África". Trazer Margô e Marilene, mulheres negras, uma que trabalha no CMEI e outra que faz parte da comunidade, e que diariamente exercem a função de cozinhar, foi bastante representativo e poético para o nosso grupo. Essas mulheres revelaram muita emoção e alegria em participarem da atividade. As crianças e Marilene, a partir dessa vivência estabeleceram uma relação muito especial e verdadeira, revelando para nós como a construção identitária se faz importante para o empoderamento de qualquer ser humano, seja ele criança ou adulto. Nesse sentido, acreditamos que trabalhar com o presente projeto nos sacramentou o quanto se faz importante tratar sobre as questões étnico-raciais na Educação Infantil, pois além de ser um trabalho ímpar, as crianças têm nos revelado a necessidade de modelos positivos que influenciarão em sua construção enquanto sujeitos que estão delineando sua formação moral, social e étnica.

Outra atividade muito enriquecedora foi "Experimentando hidratação caseira com o G5", para as crianças do G3 terem a oportunidade de dialogar com crianças de diferentes idades. Tornou-se uma experiência enriquecedora. Apesar de maiores, o G5 acolheu as crianças do nosso grupo, conversaram, brincaram e se divertiram experimentando a hidratação caseira com banana e ovo. Avaliamos essa interação de forma positiva, pois sabemos que aprendemos com os nossos pares constantemente e percebemos o quanto os grupos durante a atividade se observaram, construíram aprendizados e estreitaram relações que extrapolam o espaço educativo.

Ao final das ações estabelecidas no projeto, sempre buscávamos sentar para conversar acerca de nossa prática, uma vez que, constantemente, idealizamos a atividade de uma forma, mas como a prática não é estática, muitas vezes instaura-se outro rumo, como é o caso da atividade: "Cuidando e brincando com os cabelos". Não imaginávamos o quanto essa ação seria tão enriquecedora e dialógica, haja vista que as crianças e os pais interagiram de forma tão envolvente, onde o corpo retumbava mais que as palavras. Diante de toda simbiose e cumplicidade dos adultos e das crianças, percebemos o quanto se faz preponderante trazer os pais para atuar em nossas atividades, pois muitas famílias não têm a oportunidade de se aproximar de seus pares na essência de uma relação, como podemos evidenciar na fala e nas ações de diversos pais, uma vez que depois dessa atividade, percebemos uma afetividade maior dos pais com seus filhos e, conseqüentemente, com o nosso CMEI.

Com o projeto: "Meu cabelo, minha raiz!", tivemos a possibilidade de construir um percurso por nossas ancestralidades, onde pudemos admirá-las, nos reconhecer e nos apropriar de nossa cultura afro-brasileira. Durante os nossos diálogos permanentes, a maioria dos pais estavam motivados com as atividades e começavam a compreender a importância de as crianças participarem do projeto. A realização do projeto foi desafiadora e inquietante, pois necessitávamos sensibilizar alguns pais quanto à importância dos adereços que nos embelezam, tanto as meninas e principalmente os meninos, além de quebrar o paradigma de soltar o cabelo crespo que sempre vinha contido. Ao longo do processo, para nós, foi recompensador testemunhar o envolvimento dos pais no desenvolvimento das atividades e vivenciar a importância de todo esse trabalho para a comunidade, conforme pudemos ouvir em diferentes depoimentos dos pais em reconhecer a importância da história do negro, como também a valorização do cabelo crespo solto.

A atividade "Viajando pelo mundo da leitura com os pais" foi uma experiência nova e desafiadora para os pais e as crianças, como também para nós. Nos angustiamos com a possibilidade da atividade não se consolidar, pois os pais tinham que tirar foto contando a história para seus filhos e depois a criança iria registrar no papel suas impressões. Durante a feitura dessa atividade, grande parte dos pais tiveram comprometimento com o que foi proposto, inclusive chegaram a nos questionar sobre quando fariam a atividade, além disso, após a vivência da atividade, recebemos o feedback de diferentes pais declarando que nunca tiveram oportunidade de contar uma história para seu filho e iriam continuar, outros relataram

o quanto foi importante sua filha participar do projeto, o qual valoriza a história do negro. Refletindo acerca desses depoimentos, compreendemos a importância das ações para a família, o que para nós sempre terá espaço garantido em nossos projetos.

A nossa avaliação de aprendizagem ocorreu de forma diagnóstica, contínua e processual, a partir de novas reflexões trazidas pelos professores, pais, como também das crianças, apesar de pequenos, conseguem da forma deles apresentar impressões sobre o aprendizado adquirido e suas experiências vivenciadas e compartilhadas em seu processo de autoafirmação.

Trabalhar com o presente projeto num Centro Municipal de Educação Infantil possibilitou novas aprendizagens, fazendo com que nossas crianças se apropriem das inúmeras linguagens, sejam elas: verbais, gráficas, artísticas, corporais, culturais, dentre outras. Consideramos assertivo sair da possibilidade de um currículo eurocêntrico em que os atores sociais não se reconhecem. Conseguimos transportá-los para um reconhecimento a partir de si mesmos e de seus referenciais, por meio das atividades. Diante desse caminhar, os educandos podem construir e assemelhar-se a sujeitos próximos do seu contexto social, a partir do seu próprio legado cultural, além de que cada indivíduo possa se ver a partir dos seus pares, ou daqueles que de fato os representam.

Quando começamos a trabalhar com os primeiros projetos, entendíamos que a culminância era a atividade mais importante, pois como tinha a presença dos pais e de toda a comunidade, acreditávamos nessa falácia. Com o passar dos anos, refletindo sobre nossa prática e envolvendo os pais na construção e execução dos projetos, compreendemos que a culminância era uma atividade necessária, mas não a mais importante, entendemos melhor essa ação quando diferentes atores estavam imbricados no processo. Passamos, assim, a perceber que a culminância era um momento festivo, consequência do que vivenciamos durante as atividades e, assim, passamos a compreender melhor a essência de se trabalhar com o projeto e reavaliar nossa prática.

A culminância do presente projeto foi um momento muito feliz. Após diversos ensaios dos passos com a música: Raiz de todo bem, de Saulo Fernandes, apresentamos o nosso trabalho. As crianças marcaram presença de forma belíssima, poucas demonstraram timidez no momento da apresentação, dançamos, pulamos e cantamos. Os pais marcaram presença e prestigiaram todo o trabalho desenvolvido por nós e por eles. Ao final das apresentações, tivemos vários depoimentos dos pais e das crianças externando o quanto foi bom ter participado do projeto, o quanto estavam percebendo em casa a mudança de comportamento das crianças e deles também, o que para nós, receber esse retorno, é um acalento diante de tantas dificuldades enfrentadas no ensino público.

Um outro ponto que não poderíamos deixar de refletir foi sobre a "Visita ao Museu Afro-brasileiro no Pelourinho", ação que infelizmente não foi concretizada, mas que planejamos e não aconteceu por conta de inúmeros problemas que a má gestão pública ocasiona e que impactam diretamente na aprendizagem das crianças. Sabemos que todo planejamento necessita levar em consideração as intempéries, pois diante de diferentes adversidades necessitamos reestruturar nosso planejamento, mas precisamos compreender que essa demanda não foi trazida pelo grupo, ao contrário, tanto as crianças e a comunidade ansiavam por essa experiência. Visto que essa seria uma oportunidade para muitas crianças, as quais nunca vivenciaram esse momento. Como não conseguimos, ano que vem, com certeza, daremos continuidade a esse projeto e, assim, tentaremos pela Secretaria e por outras vias, para que a criança negra e pobre também possa experienciar a contemplação da arte afro-brasileira.

O nosso sentimento de orgulho com esse projeto específico é inevitável, pois trazer como proposta pedagógica a história da cultura afro-brasileira, evidenciar a sua arte como inspiração para as nossas crianças, foi de fato emocionante. O projeto em si caminhou entre erros e acertos o tempo inteiro, inclusive descobrimos que as experiências grandiosas que tivemos não dão conta ainda de pensarmos esses sujeitos de forma plena, entretanto vimos na nossa comunidade escolar a beleza e a alegria de coexistir conosco em um mundo onde a diferença "deve ser" excluída e negada, o nosso sonho é que as

nossas crianças em suas andanças e itinerâncias formativas de vida não sejam subtraídas de viverem a experiência da felicidade.

Diariamente as crianças pequenas assistem desenhos/programas, ouvem músicas e se identificam com personalidades que muitas vezes não as representam fisicamente e em sua etnia. Refletindo acerca dessa problemática existente, trabalhamos com diferentes referenciais para nossas crianças, seja através de histórias, personalidades, expressões artísticas e brincadeiras, mas sabemos que muitos desafios não cessam apenas nesse projeto. Percebemos que as crianças, ao final do projeto, começaram a se reconhecer e compreender um pouco da sua ancestralidade, assim, paulatinamente, observamos a construção da formação identitária de nossos educandos, seja quando eles chamavam nossa atenção dizendo como eles estavam bonitos e eram negros, assim como os personagens das histórias, seus pais e suas professoras, revelando para nós uma autoestima mais elevada.

Durante as etapas do projeto, por meio de diversos diálogos, percebemos o quanto ele desmantelou os próprios ideais de alguns professores, visto que o cabelo foi um elemento trabalhado por todos na escola, mas cada professor especificou exatamente o que e como trabalharia com esses elementos. Como todos respiravam a presente temática, estávamos atentos não só às nossas atividades, mas às atividades dos colegas. Por conta disso, compreendemos o quanto se faz imprescindível esse tipo de projeto, pois ele conseguiu sensibilizar diversas pessoas quanto a assumir seu cabelo, a se olhar no espelho, se aceitar e gostar do seu reflexo, do seu cabelo e da sua cor.

Enquanto profissionais, aprendemos com esse projeto a importância de trabalhar com assuntos que muitas vezes se encontram velados dentro de alguns espaços educativos, mas a possibilidade de dialogar, discordar, reconstruir conceitos basilares de nossa prática, deveria ser um movimento contínuo. Nesse panorama, esperamos continuar a desenvolver projetos em que enalteçamos elementos comuns aos nossos educandos, como é o caso do cabelo crespo e do corpo negro, pois nada mais justo que encontremos formas sadias e construtivas de auxiliar na formação de nossas crianças pequenas, até porque estamos trabalhando com a primeira infância, base de qualquer país e, se queremos crescer economicamente, precisamos começar a investir em nossa educação e, por conseguinte, na formação de nossos professores.

Outro ponto que é importante salientar é que trabalhar com questões que valorizam a identidade, a história e a cultura negra ainda é marcado por preconceitos, desconfianças e marginalização. Ainda somos frutos de uma história única onde não há espaço para o respeito, a diferença e a diversidade. O projeto: Meu cabelo, minha raiz! demonstrou ser um recurso notável para a afirmação de uma construção identitária de nossas crianças pequenas. Portanto, o presente projeto demonstra ser um recurso notável para afirmação de uma construção identitária de nossos pares, pois quando as crianças conhecem sua própria história e valorizam seus elementos identitários: seu cabelo crespo e seu corpo negro, levamos em consideração um currículo vivo, orgânico, cujo caminho percorre para a valorização das itinerâncias formativas que constituem a formação basilar do sujeito, sujeito esse que se encontra em formação. Diante do exposto, acreditamos na importância e veracidade do que foi trabalhado, pois tornou-se o ponto inicial de estudos para dissertação de mestrado.

REFERÊNCIAS BRASIL. Lei Federal nº 10.639/03 in Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996. GOMES, N.L. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?. Revista Brasileira de Educação. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, São Paulo, 2002. LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio. Descolonização e Educação por uma Epistemologia Africano-Brasileira. In: LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio (org.). Descolonização e educação: diálogos e proposições metodológicas. Curitiba, PR: CRV, 2013. MACEDO, Roberto Sidnei. Infâncias-devir e currículo: a afirmação do direito das crianças à (aprendizagem) formação / Roberto Sidnei Macedo, Omar Barbosa Azevedo. Ilhéus, BA: Editus, 2013. NÓVOA, António; FINGER, Mathias. O método (auto) biográfico e a formação. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.

Reflexão

O projeto Meu cabelo, minha raiz! nos oportunizou compreender como é importante contribuir para a formação identitária de crianças tão pequenas. Como também, ao longo de nossas discussões, percebemos o quanto estávamos imersas também nessa formação, visto que a cada vez que surge um questionamento, uma dúvida faz com que a gente busque e estruture novas formas de pensar/agir dentro de algum padrão preestabelecido. Muitas vezes choramos, rimos e nos angustiamos com diversas situações protagonizadas por meio do projeto. Trabalhar com meninas e meninos, negros e pobres, nos faz relembrar nossa infância que não foi tão diferente de nossos educandos, mas ter uma possibilidade de proporcionar uma experiência da felicidade para eles, nos faz reconstruir sentimentos que estavam guardados dentro de nós.

O projeto, sem dúvida, pode ser replicado por outros professores que vivem realidades parecidas com a nossa aqui no município de Lauro de Freitas/BA. Agora, para que essa prática de fato seja efetivada, faz-se necessário ter materiais na escola, como também construir uma parceria com os pais e os pares da instituição educativa. Pois acreditamos que qualquer projeto se torna, em sua essência, um projeto efetivo quando, justamente, ele consegue chegar até a casa das crianças. Mas para que isso aconteça, nós, educadores, precisamos aprender a socializar nossos objetivos de trabalho com a comunidade escolar, afim de que ela opine e se sinta parte fundamental para execução e aprimoramento das nossas atividades. Precisamos continuar a construir práticas que transponham o muro da escola, conhecer um pouco mais da subjetividade dos sujeitos que adentram o ambiente escolar, pois são mulheres, mães, meninas, meninos e professoras que trazem marcas identitárias importantes para uma prática escolar que respeite a alteridade afro-brasileira que nos compõe.